Zero-a-Seis 06

"É UMA VIDA DE SACRIFÍCIO... FAÇO PELOS MEUS FILHOS": CRIANÇAS E TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS EM CABO VERDE

"It's a life of sacrifice... I do it for my children": children and migratory trajectories in Cape Verde

Andrea de Souza **LOBO**
Departamento de Antropologia Social
Universidade de Brasília
Brasília, Brasil
andreaslobo@yahoo.com.br
http://orcid.org/0000-0001-7525-1953

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

RESUMO
O artigo aborda a centralidade das crianças nos projetos migratórios e nas trajetórias de vida de mulheres-mães no arquipélago de Cabo Verde, África. Primeiramente abordarei a perspectiva dessas mulheres e suas trajetórias de vida vinculadas a projetos migratórios em andamento ou em construção. Por meio das categorias "superação" e "sacrifício", pretendo demonstrar a centralidade dos filhos em suas estratégias e táticas de mobilidade, sendo as crianças tanto motores que alavancam tais projetos quanto travas que os interrompem ou inviabilizam. A seguir introduzo a perspectiva de crianças e jovens, seus discursos, sentimentos e ações em tais projetos de mobilidade. Busco compreender como é crescer em um contexto em que a mobilidade é um dado que permeia imagens de um futuro que poderá ser sempre vivido em um lugar diferente, imaginado e distante. O artigo pretende abordar tanto a centralidade das crianças nos sucessos e fracassos de projetos migratórios familiares quanto indicar como as mobilidades são centrais nas vidas e projetos de crianças e jovens quando pensam sobre o presente e imaginam um futuro.
PALAVRAS CHAVE: Criança Migrações. Cabo Verde. Gênero. Etnografia.

ABSTRACT
The article addresses the centrality of children in migratory projects and in the life trajectories of women-mothers in the archipelago of Cape Verde, Africa. First, I will approach the perspective of these women and their life trajectories linked to migratory projects in progress or under construction. Through the categories "overcoming" and "sacrifice", I intend to demonstrate the centrality of children in their mobility strategies and tactics, with children being both engines that leverage such projects and locks that interrupt or hinder them. Next, I introduce the perspective of children and youths, their speeches, feelings and actions in such mobility projects. I seek to understand what it is like to grow up in a context in which mobility is a fact that permeates images of a future that can always be lived in a different, imagined and distant place. The article aims to address both the centrality of children in the successes and failures of family migratory projects, as well as indicating how mobility is central to the lives and projects of children and young people when they think about the present and imagine a future.
KEYWORDS: Children. Migrations. Cape Verde. Genre. Ethnography.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a centralidade das crianças nos projetos migratórios e nas trajetórias de vida de mulheres-mães. Minha argumentação seguirá dois caminhos. Primeiramente abordarei a perspectiva dessas mulheres e suas trajetórias de vida vinculadas a projetos migratórios em andamento ou em construção. Por meio das categorias "superação" e "sacrifício", pretendo demonstrar a centralidade dos filhos em suas estratégias e táticas de mobilidade, sendo as crianças tanto motores que alavancam tais projetos quanto travas que os interrompem ou inviabilizam.

Em um segundo momento, eu trago à cena a perspectiva de crianças e jovens, seus discursos, sentimentos e ações em tais projetos de mobilidade. Busco compreender como é crescer em um contexto em que a mobilidade é um dado que permeia imagens de um futuro que poderá ser sempre vivido em um lugar diferente, imaginado e distante. Com esses dois movimentos espero abordar tanto a centralidade das crianças nos sucessos e fracassos de projetos migratórios familiares quanto indicar como as mobilidades são centrais nas vidas e projetos de crianças e jovens quando pensam sobre o presente e imaginam um futuro.

Os dados sobre os quais minhas reflexões se baseiam resultam de dois momentos de minha trajetória como pesquisadora em Cabo Verde: uma primeira experiência na ilha da Boa vista e uma posterior na ilha de Santiago. Na primeira ocasião trabalhei sobretudo com crianças e jovens entre 8 e 20 anos, todos filhos de mães emigradas para a Itália ou França (LOBO, 2014). Os dados são oriundos de conversas informais, participação na vida familiar e da relação que estabeleci, especialmente com os jovens, como professora no Liceu da Vila de Sal-Rei. Foi a partir dessa relação que pude estabelecer um contato sistemático e duradouro com eles, que com o tempo extrapolou o universo da escola e se desdobrou em relações de amizade e afeto que, em alguns casos, perduram até hoje. A relação com tais jovens, suas famílias e suas mães emigrantes, quando de férias na ilha, dão o contexto que me permite elaborar muitas das questões que aqui apresento. O segundo conjunto de dados que complementam minhas reflexões resulta de um projeto de pesquisa mais recente na Cidade da Praia, ilha de Santiago, no qual abordo a perspectiva de mulheres jovens de classes populares que se relacionam afetivamente com homens emigrados. Essa teia de dados se tece de forma a nos permitir refletir sobre as estratégias, discursos e ações dessas mulheres e

seus filhos no cenário migratório cabo-verdiano, incorporando, para além do gênero, a idade como unidade de análise[1].

Me utilizo da noção de "campo social migratório" inspirada nos termos de Bourdieu (1980) quando chama nossa atenção para as maneiras pelas quais as relações sociais são estruturadas pelo poder. Os limites de um campo são fluidos e o próprio campo é criado pelos participantes que se juntam em suas lutas por posição social. Segundo o autor, indivíduos ou instituições compõem as redes que conformam o campo se vinculando e disputando posições sociais. Tal noção vem sendo utilizada nas teorias sobre transnacionalismo visto que uma das vantagens em falar de "campos sociais" é a de que o foco recai nas relações entre pessoas e locais que configuram a rede, e não no movimento geográfico[2].

Acrescento que o foco nos relacionamentos dentro de um campo social também nos possibilita dar a devida atenção ao poder e à hierarquia, bem como às emoções e à ação humana. Além de nos permitir incorporar as pessoas que ficam como parte essencial de todo o processo migratório, vivenciando-o e constituindo-o tão intensamente quanto quem partiu. Em meu trabalho, a noção de "campo social migratório", cruzada com o conceito de "campo de possibilidades"[3], tem me permitido ver em conjunto as pessoas que vivem e constituem esses campos, onde quer que estejam, em suas relações de partilhas e disputas permeadas por relações de poder. Certamente, crianças e jovens não estão apartadas desses universos.

---

[1] Com relação aos aspectos éticos da pesquisa, a pesquisa seguiu as diretrizes do Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). As pessoas envolvidas foram devidamente informadas sobre a natureza da pesquisa tendo sido respeitado seu direito ao acesso aos resultados da investigação bem como foram preservadas suas intimidades e, quando demandado, seu anonimato. Sobre o código de ética (https://pt.slideshare.net/joaosistemas/codigo-de-etica-aba-associacao-brasileira-de-antropologia#:~:text=(%2F)%20C%C3%B3digo%20de%20%C3%89tica%20C%C3%93DIGO,enquanto%20pesquisadores%20e%20pesquisadoras%3A%201.)

[2] Embora a abordagem de Bourdieu não exclua a noção de campos sociais transnacionais, ele não discute diretamente as implicações de campos sociais que não são coincidentes com as fronteiras do Estado. Para aprofundar essas questões, ver: GLICK SCHILLER AND FOURON (1999); GLICK SCHILLER (2003); LEVITT AND GLICK SCHILLER (2004).

[3] Lanço mão da noção de campo de possibilidades (VELHO, 2003) para compreender como, em alguns contextos sociais (como é o caso de Cabo Verde) emigrar é uma alternativa sempre "à mão" como saída para diversas situações. Como afirma Gilberto Velho, "campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée*" (VELHO, 2003, p. 28). O campo de possibilidades é, portanto, o rol de alternativas que se apresenta ao indivíduo a partir de processos sócio históricos mais amplos que, além disso, passam pelo potencial interpretativo da sociedade. Sendo um conceito fundamental para compreensão da maneira pela qual os projetos se movimentam ao longo de uma trajetória de vida, coerentemente ou não.

Assim sendo, o artigo está organizado da seguinte maneira. Começo com uma contextualização do debate sobre as dinâmicas migratórias à luz da perspectiva de crianças e jovens. De uma maneira geral, abordo as críticas e os esforços realizados, por um conjunto de pesquisadores, para incorporar as crianças como atores fundamentais nos processos migratórios. Na sequência nos aproximamos das reflexões sobre os fluxos migratórios e a centralidade do movimento como valor na sociedade cabo-verdiana. Ao focar na mobilidade infantil argumento sobre a formação de um campo social que, desde a infância, incorpora a mobilidade como uma possibilidade sempre à mão na trajetória de indivíduos e famílias. Pela análise de três cenas, pretendo dar conta da diversidade e complementaridade de caminhos pelos quais esse campo se constitui no entrelaçar das vidas de mães e filhos e seus projetos de mobilidade. As categorias de "superação" e "sacrifício" serão centrais para compreendermos esse cenário. Concluo abordando o universo de conflitos e ansiedades que conformam todo esse processo, no qual relações de gênero e os ciclos de vida formam um emaranhado que, ao mesmo tempo, transforma e reproduz as relações de poder no campo.

INFÂNCIAS E CONTEXTOS MIGRATÓRIOS

O fim do século XX foi marcado, nas ciências sociais em geral, pelas abordagens sobre a pós-modernidade, os processos de globalização e um novo vocabulário que desse conta de, analiticamente, compreender e sistematizar esse mundo de fluxos e em crioulização (HANNERZ 1987)[4]. Appadurai (1996), Clifford (1997), Kaplan (1996) e outros esboçaram um "novo paradigma de mobilidades" ao explorar as maneiras pelas quais o mundo está literal e figurativamente "em movimento"[5]. Em trabalho anterior refleti sobre este processo mais especificamente a partir da antropologia (LOBO, 2012).

[4] Hannerz, neste interessante artigo (1987), propõe a metáfora da crioulização para lidar com os fluxos transnacionais do mundo global, libertando a descrição etnográfica da ideia de que os sistemas sociais e culturais são integrados. No que se refere à sociedade crioula de Cabo Verde, o termo se refere a uma formação social que emerge como entidade terceira de um encontro fundador entre sociedade muitos distintas, oriundas de várias vertentes civilizatórias. No caso de Cabo Verde, este surge do contato regular entre a vertente civilizatória ibérica, os portugueses, e as múltiplas vertentes africanas. (Ver TRAJANO FILHO, 2016).

[5] Não posso deixar de mencionar que escrevo este artigo em meio a pandemia do Covid-19, confinada em casa, em situação de isolamento social e vendo o mundo com suas fronteiras fechadas, a mobilidade em suspensão, os estados-nações assumindo protagonismo e demonstrando todo o seu poder, sobretudo, o de limitar os fluxos e suspender direitos como o da livre circulação (até então garantida para alguns). Em todo o mundo os cidadãos não só acatam mas desejam um conjunto de interdições que os protejam da crise. Aqui não é o lugar para desenvolver sobre isso, mas é impossível não imaginar mudanças radicais não só no mundo, mas nas teorias sobre globalização. Teremos um novo paradigma? Minha aposta é que sim, certamente.

Agora minha questão se desloca para como, nesse referencial teórico sobre a mobilidade de pessoas no mundo contemporâneo, as crianças têm sido abordadas.

Estudiosos tem argumentado que há importantes falhas no conhecimento acumulado sobre crianças em estudos sobre as mobilidades contemporâneas (ALLEN WHITE ET AL., 2011; CONTRERAS; GRIFFITH, 2012; DOBSON, 2009; GARDNER, 2012, OLWIG, 1999; PARREÑAS, 2005; DUCU ET AL., 2018). O diagnóstico traçado é de que os dados, tanto estatísticos quanto qualitativos, são incompletos e focados em grupos de jovens e crianças em situações de vulnerabilidade. O primeiro problema seria que alguns estudos têm como ponto de partida uma noção de infância ocidentalizada e supostamente hegemônica, que coloca as crianças migrantes como vítimas passivas e vulnerabilizadas por adultos que tomaram a decisão de migrar. O segundo ponto a ressaltar é que quando as crianças são abordadas pelos estudos, o são no contexto das pesquisas sobre migração familiar (PARREÑAS 2005; OLWIG, 1999; CHAMBERLAIN, 2003; CHAMBERLAIN e LEYDESDORFF 2004; BRYCESON e VUORELA, 2002), negligenciando a perspectiva das próprias crianças[6].

Em um primeiro movimento de incorporação de jovens e crianças nos estudos migratórios essa ausência foi a marca. Isso porque o foco dos estudos era na situação das crianças e não em suas experiências enquanto migrantes. Em um artigo de revisão desta literatura, que abre um número especial sobre migração infantil no *Journal of Ethnic and Migration Studies,* Allen White et al., afirmam que os pressupostos ocidentais sobre a natureza da infância contribuem para as maneiras pelas quais as crianças migrantes são percebidas em muitas pesquisas (ALLEN WHITE et al, 2011, p. 1161). Os autores retomam a concepção ocidental de infância como um tempo de vulnerabilidade e dependência que contribuem para noções essencializadas de crianças inocentes e da infância como uma fase que necessita de proteção. Além disso, entendendo a infância como um estágio e as crianças como "adultos em construção", elas não são percebidas como seres sociais plenos. Isso se torna flagrante em pesquisas que, mesmo abordando a questão da infância, ao perceberem as crianças como sujeitos incompetentes, acabam por não incorporarem suas vozes.

Uma vez que tais noções de infância, partilhadas e reproduzidas por alguns estudiosos, vêm sendo amplamente globalizadas, universaliza-se um ideal de infância

[6] Devo ressaltar que o debate que trago aqui, na intersecção entre crianças e migrações, se insere em um debate mais amplo e geral nas ciências sociais. Não me cabe aqui adentrar nessa densa discussão, mas sinalizar a sua importância no campo da antropologia contemporânea. São muitos os autores a citar, como atalho, cito a dissertação de mestrado de André Justino, que sistematiza de forma competente o debate que vai culminar em uma abordagem antropológica da infância (JUSTINO, 2017).

associada a um padrão fixo de residência, sendo a migração algo que a criança não faz; e que, se fizer, certamente haverá consequências sociais e/ou psicológicas negativas. Portanto, as crianças que se movem tendem a ser construídas por tais estudos de maneira a negar sua própria agência e subjetividade e a natureza altamente diferenciada da migração infantil (ALLEN WHITE et al 2011, p. 1161).

Há ainda dois pontos interessantes que estão no horizonte desse diagnóstico crítico sobre as formas como as crianças adentram nos estudos migratórios. Primeiro é uma reflexão sobre como os nossos entendimentos teóricos sobre as migrações internacionais estão frequentemente dominados por discursos estatais, legais e normativos. As vidas dos migrantes são construídas por trajetórias de mobilidade e movimento que as agências e as burocracias estatais tentam, a todo o momento e de diversas formas, controlar e gerir por meio de políticas e regimes de construção da oposição entre imigrantes e cidadãos (DE GENOVA, 2002). No caso das crianças migrantes, dado o caráter moral que permeia o ideal de infância acima descrito, suas mobilidades ou são frequentemente invisíveis nos discursos de migração centrados no estado ou são percebidas como ameaças e riscos - como a frequente associação da migração infantil ao tráfico de pessoas ou a demais processos de vulnerabilização.

Por fim, é por meio dos estudos que incorporam a perspectiva de gênero e teorizam sobre famílias transnacionais (PARREÑAS 2005; OLWIG, 1999, 2002; CHAMBERLAIN, 2003, 2009; CHAMBERLAIN e LEYDESDORFF 2004; BRYCESON e VUORELA, 2002; MILLER e MADIANOU, 2011; GARDNER e GRILLO, 2002) que observamos um processo de desconstrução de noções de famílias migrantes como unidades homogêneas. Ao inserir a perspectiva de gênero, os autores passam a dar conta das dinâmicas familiares e a abordar as maneiras pelas quais os laços familiares e as dinâmicas de poder operam em um campo social que atravessa fronteiras nacionais. Ainda, segundo Allen White et al. (2011), é surpreendente o silêncio sobre o envolvimento e as experiências das crianças nessas dinâmicas familiares. Mesmo nesse movimento de diversificação das perspectivas, elas aparecem ora como motivação para mulheres emigrarem (OLWIG, 1999), como aquelas que são deixadas (PARREÑAS, 2005) ou abordadas como segunda-geração (WORBS, 2003). Acrescento que, em grande parte desses estudos, tal como apontado por De Genova (2002), os pesquisadores são capturados por uma lógica e uma terminologia estatal e acabam por reproduzir e reforçar um discurso normativo que percebe a mobilidade como "problema" e os migrantes como "fora de lugar".

É em meados dos anos 2000 que se observa um novo direcionamento nesse campo de estudos e estes passam a enfatizar a importância de adotar uma perspectiva centrada nas crianças, trazendo suas vozes e experiências para as pesquisas no campo das migrações. Trata-se de um movimento que se direciona a integrar estudos com crianças e não sobre crianças. Esse deslocamento, segundo Katy Gardner (2012), contribui para a emergência de um corpo teórico que revela a multiplicidade de formas pelas quais as crianças exercem agência e experienciam circunstâncias específicas em suas vidas. Como resultado, é crescente o volume de análises que abordam a agência e a subjetividade das crianças migrantes e, dessa maneira, desafiam a centralidade da perspectiva dos adultos nas pesquisas sobre migração (DOBSON, 2009) e questionam as visões dominantes das crianças migrantes como vulneráveis, carentes e impotentes (KNORR, 2005).

O que tais estudos demonstram é que a fluidez, o movimento e a mobilidade que podem caracterizar a vida de crianças migrantes abrem novos e diferentes entendimentos sobre a migração como um processo sociopolítico e cultural. É inspirada por estas perspectivas que pretendo, para o caso de Cabo Verde: (1) explorar as maneiras pelas quais as experiências e subjetividades das crianças e jovens são construídas através da mobilidade (real e imaginada) dos outros, de si mesmas e das coisas materiais que as conectam com diversos locais; (2) refletir sobre como as dinâmicas de mobilidade, tão centrais nesta sociedade, trabalham no sentido de reconfigurar (ou não) os sentido de "casa" e "pertencimento", bem como das relações pais-filhos, dos papeis familiares e das posições dentro de diferentes cenários domésticos.

INFÂNCIAS E MOBILIDADES EM CABO VERDE

As redes de parentesco são fundamentais para a compreensão dos fluxos migratórios na sociedade cabo-verdiana. Como argumentam diversos autores (CARREIRA, 1977, 1983; AKESSON, 2004; ÉVORA, 2006; CARLING, 2007; CARLING e AKESSON, 2009; DROTBOHM, 2009; LOBO, 2014; DEFRAYNE, 2016; LAURENT, 2018) as relações entre os membros das famílias são os elos que conectam as intensas redes de contatos entre o país e a diáspora, tendo destaque a natureza da relação entre mães e filhos como um forte laço que se sobrepõe às relações de conjugalidade. É nesse contexto que as experiências de separação entre mães e filhos devem ser analisadas, ou seja, compreendidas em relação com as dinâmicas de parentesco locais. Alguns

estudiosos da diáspora cabo-verdiana têm se dedicado a refletir sobre esses universos dando ênfase ao papel que as crianças desempenham nos projetos migratórios familiares. Sigo para um breve apanhado desses trabalhos.

Carling (2007), em pesquisa realizada na ilha de São Vicente, focou nas mães emigrantes e seus filhos, abordando os complexos processos de negociação para deixar a criança nas ilhas em razão da emigração da mãe. O autor argumenta que tal processo é de responsabilidade da mãe, mas seu controle sobre os desdobramentos é limitado. Quando a avó materna está disponível para assumir o neto, o que é muito frequente, as coisas se tornam mais simples, porém são muitos os desafios que essa mulher terá que contornar para seguir com o projeto migratório. Deixar o filho pode culminar em relações triangulares complicadas entre a mãe, o filho e a mulher que ficou com este, além de poder colocar a criança em uma situação de sofrimento ou abuso, tendo essa mulher que gerir, à distância, não só o sustento material do filho, mas as expectativas da criança e suas próprias trajetórias de mobilidade. Tendo a possibilidade de levar a criança consigo, ou de "mandar buscá-la", essa mulher pode enfrentar ainda um outro desafio, ter que negociar com o pai da criança a sua saída. A depender da situação de conflito entre os pais, o filho pode se ver em meio a disputas que o impedem de emigrar, uma vez que o pai pode se negar a autorizar a sua eventual saída do país (CARLING, 2007).

Pierre-Joseph Laurent (2020), em um artigo que explora o "desejo de ter um filho" e os processos de transmissão dos projetos migratórios de mulheres em Cabo Verde, amplia o quadro analítico para as ilhas de Santiago e Fogo. O argumento central do autor é de que a família à distância se reproduz graças a um capital migratório partilhado entre seus membros. Para gerir e transmitir tal capital, seria necessário observar e combinar as leis migratórias nos países de imigração com as práticas oficiais e oficiosas para que a mobilidade se efetive. "Uma vez adquirido o capital migratório, que é altamente desejado, este se torna o bem mais precioso de uma família, que fará todo o possível para preservá-lo. [...] Tudo acontece de forma que os membros da família se coloquem a serviço do capital migratório para transmiti-lo intacto de uma geração à outra" (LAURENT 2020, p. 59, tradução minha).

É nesse contexto que o autor argumenta sobre como o desejo de ter um filho se insere plenamente no projeto de migração. Ao analisar casos de migrações para os EUA, em duas famílias, Laurent afirma que em relação às leis americanas sobre reagrupamento familiar, a gravidez pode fazer parte de estratégias planejadas a longo prazo, como ter um filho com um homem com capital migratório ou - após obtenção de

visto de visitante – planejar um nascimento da criança em território americano, para que a criança adquira a nacionalidade sob a lei do solo e possa transmiti-la, sobretudo, à mãe (LAURENT, 2020).

O autor, portanto, destaca as formas como as crianças são centrais nesses investimentos, inclusive podendo carregar o peso do sucesso ou fracasso dos mesmos. Inseridas em um projeto mais amplo traçado por sua mãe, seu processo de socialização se daria num contexto de dívida com aquela que se sacrificou para criá-la, na maioria das vezes sozinha. Para o autor, o desejo de uma criança e a própria criança podem ser percebidas como estratégias femininas na busca por segurança em uma sociedade em que os laços conjugais são frouxos (LOBO, 2014) e o capital migratório a maior riqueza (LAURENT, 2020).

Defrayne (2016), em seu trabalho sobre famílias e mobilidades na Ilha de Santo Antão, vem se juntar ao conjunto de pesquisadores que analisa as migrações a partir de contextos familiares. Ao explorar as categorias "levar", "trazer" e "mandar" enquanto verbos transitivos que, quando utilizados na primeira pessoa, indicam necessariamente o envolvimento de uma terceira pessoa na ação, afirma que tais categorias revelam o mecanismo dinâmico e coletivo que a partida representa (DEFRAYNE 2016, p. 116). A autora relata o seu próprio papel nessas redes, quando foi responsável por acompanhar, por duas vezes, jovens em sua partida para a Europa. Creio ser interessante trazer seu relato por inteiro.

> Em 2008, acompanhei a partida de Ana, sobrinha de Sonia, para Luxemburgo. Juntas, fizemos a viagem a partir de Santo Antão, depois para a Ilha do Sal, onde passamos o um dia – durante o qual Ana se despediu de seus dois pais – e, finalmente, para Portugal. Continuaria minha jornada para a Bélgica e Ana para Luxemburgo. Ela foi confiada, no restante da viagem, a um senhor cabo-verdiano que seguia na mesma direção. Durante essa longa jornada, que durou quase vinte e quatro horas, fico impressionada com a calma e a aparente "normalidade" do evento para a menina, então com 14 anos. Estava impressionada com a ideia de que essa jovem pegava pela primeira vez dois aviões que a levariam a um país "novo" (ela certamente já tinha ouvido falar sobre esse lugar), para a casa de uma tia (irmã da mãe) que ela viu só uma vez, em Santo Antão. E Ana, ali, ao meu lado, sorrindo, reservada como sempre. Eu estaria mais "perturbada" pela situação do que minha companheira de viagem? No entanto, eu estava voltando para casa. Ela ia rumo ao "desconhecido" (...) Ana já era, certamente, uma criança habituada às viagens: ela é a terceira filha de sua mãe, nascida na ilha do Sal, para onde sua mãe foi, quinze anos antes, para "procurar sua vida", deixando para trás, em Santo Antão, suas duas filhas. Vivendo entre várias casas e várias ilhas, do Sal a Santo Antão, Ana me disse alguns anos depois, durante um encontro nosso em Luxemburgo, que estava costumada a se mudar e se "adaptar" aonde ela fosse (DEFREYNE, 2017, p. 18, tradução minha)

Esse interessante caso, vivido e narrado por Defreyne, se conecta com minhas reflexões sobre a mobilidade infantil em Cabo Verde. Em publicações anteriores (LOBO 2011, 2013, 2014) refleti sobre o que denominei de mobilidade infantil no arquipélago

e sua centralidade no processo de "fazer família". Ao tomar as características de dinâmicas familiares locais, argumento que as relações familiares se caracterizam por um comprometimento mútuo, contatos sociais regulares e um fluxo intra e inter-doméstico de benefícios materiais e não-materiais. Tais requisitos seriam fundamentais para a construção do sentimento de proximidade e atuam no fortalecimento de laços parentais pré-existentes. As crianças são atores fundamentais nestes contextos familiares. Suas vidas são caracterizadas por uma intensa mobilidade que as colocam tanto na condição de sujeito quanto de objeto da partilha e da reciprocidade no contexto cabo-verdiano.[7] Esta mobilidade infantil fortalece e/ou cria laços entre grupos, produz relações de coabitação e de cooperação doméstica entre pessoas lateralmente correlacionadas, além de construir maternidades e paternidades.

A noção de "trajetórias de mobilidade" (IMOROU, 2009) parece dar conta desse universo infantil em Cabo Verde. Imorou argumenta que este é um conceito apropriado para analisar, de um ponto de vista sócio antropológico, o amplo tecer de interações em torno dos deslocamentos de jovens e crianças (IMOROU, 2009, p. 06), se apresentando como uma forma de ordenar analiticamente a imensa variedade de eventos que estão em jogo nos deslocamentos de crianças e jovens em Gana. Para o meu caso de estudo, falar em trajetórias de mobilidade nos permite dar conta dos percursos de vida marcados por diferentes camadas de movimento no tempo e no espaço – cotidianos, locais, regionais, internacionais - que vão se somando na construção de um percurso de vida marcado pela superação.

Portanto, em continuidade com minhas reflexões anteriores - quando investi no entendimento do valor da mobilidade e na centralidade das crianças nos processos de "fazer família", chamando atenção para suas trajetórias profundamente marcadas, desde a tenra infância, pela circulação – desejo agora expandir meu argumento para os contextos migratórios nos quais as "trajetórias de mobilidade" podem ser as mais diversas: crianças são deixadas nas ilhas, são levadas pelas mães, são enviadas da Itália para Cabo Verde ou são "mandadas buscar" (BONGIANINO, 2012). Esse emaranhado de fluxos tanto amplia as práticas de circulação de crianças que eu observei no dia-a-dia das ilhas quanto nos permite questionar sobre como esse

[7] Além da circulação cotidiana, estar entre as casas tem outro significado. A mobilidade se estende ao que podemos chamar de circulação de crianças. O sentido aqui é de que outros, parentes ou não, podem cuidar de uma criança por um tempo determinado. Isso ocorre com frequência entre pessoas que se consideram parentes. Utilizo circulação de crianças aqui no sentido do inglês "*foster children*". Adoção não é a categoria adequada no meu caso, visto que a circulação de crianças não tem um caráter formal ou fixo. Claudia Fonseca (2006) também adota o termo "circulação" ao tratar de seu caso de estudo na periferia de Porto Alegre.

contexto de circulação, quando envolve o movimento migratório, redimensiona (ou não) os fluxos de crianças e as relações entre os envolvidos nesse ir e vir dos pequenos.

CRIANÇAS, SUJEITOS E OBJETOS DE MOBILIDADES: CENÁRIOS A PARTIR DE CABO VERDE

Cabo Verde é um arquipélago vulcânico, localizado a setecentos quilômetros da costa do Senegal. Suas nove ilhas habitadas com cerca de 545.000 habitantes (INE,2018) e sua diáspora (espalhada nos Estados Unidos, Portugal, Senegal, Angola, Luxemburgo, Itália, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Holanda, França, Bélgica e Brasil) estimada em quase um milhão de pessoas (BATALHA e CARLING, 2008), traduzem bem o lugar estrutural dos fluxos migratórios nesse país[8].

Ao longo da história do país, a migração tem sido essencial como alternativa de sobrevivência (MEINTEL, 2002). Esta teve início no final do século XVII, na sequência da pesca de baleias no Atlântico. Os migrantes pioneiros conseguiram chegar aos Estados Unidos e abriram esse importante caminho migratório (CARREIRA, 1983; CARLING, 2001; LAURENT, 2016; MEINTEL, 2002). Com o tempo os percursos vão se diversificando prioritariamente para países da Europa; levando à tal configuração que nos permite afirmar que a emigração é um fator estruturante nesta sociedade, marcada historicamente por fluxos migratórios que deixam marcas profundas em sua estrutura social (ver CARLING, 2002; VASCONCELOS, 2012; LOBO, 2014)

Como o/a leitor/a pode concluir, esta estrutura é também central no desenvolvimento das dinâmicas familiares que encontramos atualmente. Temos, portanto, uma sociedade crioula marcada por assimetrias e desigualdades[9] que têm certamente origem em sua formação escravocrata, mas também é moldada pelos distintos percursos migratórios que garantem ou não provisões para as famílias que ficam nas ilhas. Nesse sentido, vemos operar um ideal patriarcal que raramente se

[8] Graças à sua localização geográfica – na encruzilhada das rotas marítimas entre a Europa, a África e as Américas – as ilhas tiveram um papel estratégico no comércio atlântico de escravos. A partir de meados do século XV, ocasião da descoberta do arquipélago por navegadores portugueses, a sociedade cabo-verdiana foi estruturada em bases desiguais, de senhores e escravos, brancos e negros. É nesse contexto que começa a formação da sociedade crioula de Cabo Verde (TRAJANO FILHO, 2009).

[9] Apesar dos esforços dos sucessivos governos desde a independência, em 1975, este é um país marcado por desigualdades importantes. Tal como sistematiza Laurent, o PIB per capita era de 200 USD em 1975; subiu para 1.219 USD em 2000, atingindo 3.767 USD em 2013. Contudo, este crescimento foi acompanhado em Cabo Verde por um aumento das desigualdades, conforme indicado pelo índice de Gini: 0,38 em 1980; 0,57 em 2000; 0,6 em 2005; 0,646 em 2014. Como resultado, o impacto do crescimento na redução da pobreza permanece relativo. Em 2013, o PNUD estimou que 20% da população vivia abaixo da linha da pobreza, com menos de 1,25 USD por dia. A taxa de desemprego representou 17% da população ativa em 2013 e 27% dos desempregados têm entre 15 e 24 anos (LAURENT, 2020, p. 60, tradução minha)

Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 23, n. 43, p. 915-948, jan./jun., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. DOI: https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e72930

realiza plenamente. A ele combina-se uma prática social baseada na díade mãe-filho, uma relação estável e contínua que nasce da ausência relativa do homem-pai e que perdura ao longo da história, primeiro no modelo escravocrata e depois alimentada pelos percursos migratórios, sobretudo masculinos (BRAZ DIAS, 2000; MONTEIRO 2013).

É nesse contexto societário que a migração se apresenta como um traço estrutural, e não só de homens, mas também de mulheres que se lançam aos movimentos migratórios, seja no sentido da reunificação familiar seja como migrantes autônomas[10]. Elas seguem em busca de uma vida melhor para si e para sua família, entendendo melhoria de vida em seu sentido mais amplo e não somente restrito às atividades de trabalho e ganhos econômicos (ver LOBO, 2014; AKESSON, 2000; CARLING, 2001; LAURENT, 2018; DEFRAYNE, 2016; GRASSI e ÉVORA, 2007). Como os estudos sobre famílias transnacionais[11] demonstram, a migração feminina implica diferenciações importantes nos processos de saída, de instalação em um novo lugar e da qualidade das conexões e interações que mulheres e homens irão estabelecer com seus familiares que "ficaram para trás". Como é de se imaginar, as crianças são centrais nesses cenários migratórios, essa centralidade é o que desejo explorar.

Algumas crianças migram e outras não, sendo estas deixadas no país natal pelos pais ou parentes migrantes. Tais decisões afetam as dinâmicas de relacionalidade: para onde os custos e recursos serão dirigidos, sua distribuição entre os membros das famílias, frequência dos contatos, envios de encomendas etc, tendo consequências em níveis mais amplos, como nos volumes das remessas em termos nacionais. A partir de agora vou examinar algumas cenas que, acredito eu, colocar-nos-á diante das diversas possibilidades de arranjos, estratégias e táticas que mulheres e crianças lançam mão

[10] Analiso (LOBO, 2014) o processo de feminização da migração a partir dos anos 1960, em especial como este foi um movimento importante na Ilha da Boa Vista, mas que tem implicações em todo o arquipélago, e em conexão com uma tendência mundial (ASIS ET ALL, 2004; ASSIS, 2007; EHRENREICH AND HOCHSCHILD, 2002; GRASSI E ÉVORA, 2007).

[11] O/A leitor/a poderá observar que não utilizo a noção de "família transnacional" para analisar os casos das famílias cabo-verdianas. Ainda que reconhecendo os avanços nas teorias sobre as dinâmicas migratórias trazidas pelos estudos sobre transmigrantes e suas consequências para dar conta de tais processos nas vidas das famílias, minha opção analítica tem a ver com a dificuldade em aderir a teorias que criam "tipos" familiares pelo uso de adjetivos. Em minha concepção, quando teóricos adjetivam famílias, parecem concordar que há, em algum lugar, uma família que não carece de adjetivos e as demais, que deste modelo se distanciam, precisam ser qualificadas. Infelizmente, como consequência, as tais famílias transnacionais aparecem como "fora de lugar", em meio a conflitos, traumas e dilemas que a transnacionalidade e o distanciamento ás impõem. Conflitos, dilemas, culpas, oportunidades, afetos são marcas das relações familiares, certamente o distanciamento físico e temporal tem suas especificidades que devem ser por nós analisadas, mas sempre à luz das experiências dos indivíduos e dentro de seus contextos, e não por meio de modelos familiares alternativos que supõem nas entrelinhas a existência de um modelo de normalidade. Entendendo, portanto, que o distanciamento das famílias cabo-verdianas é uma condição e não um estado, eu fico com a noção de "famílias à distância" (LOBO, 2014).

para superar limitações e barreiras inerentes ao campo migratório. Bem como as dinâmicas de criação e manutenção de laços de afeto nesse campo social que atravessa fronteiras e que tem a mobilidade como um valor[12].

Cena 1

> Quando a conheci, Lu tinha 16 anos, vivia em um bairro popular na Cidade da Praia, com duas irmãs, um primo e quatros sobrinhos. Na ocasião Lu estava grávida de seu filho que hoje tem 5 anos. A gravidez foi marcada por conflitos entre ela e as irmãs, devido às circunstâncias em que ela se deu. Lu começou a se relacionar com um homem que vive na Holanda como emigrante e, quando vinha à Praia visitar a família (mulher e filhos), se envolvia com Lu. Uma de suas irmãs, muito irritada, me conta: "como todo homem daqui, ele a enganou, prometeu levá-la com ele para a Holanda, dizia que era doido por ela, mas qual é... a burra acreditou, *tenho certeza que apanhou barriga* na esperança de ele *mandar buscá-la* com o bebê e sair dessa vida de miséria em que vivemos! E aí, quando ela contou da gravidez não é preciso ser muito esperta para saber o que aconteceu: ele desapareceu daqui... não responde mais o telemóvel, sumiu e agora? Teremos mais uma boca para alimentar! Essas meninas não têm cabeça não... agora não tem Holanda e não tem dinheiro para aguentar o filho que está na barriga.... mais um sem pai nessa casa" (Ana). Por sua vez, em meio a choro e lamentações, Lu me diz que não vai desistir, que ela e o filho vão sair dessa vida. Seu objetivo é de que o pai da criança faça o registro no cartório, pois assim ela tem esperança de que, com o tempo, ao menos o filho consiga sair de Cabo Verde para ter uma vida diferente da dela. Em suas palavras, "eu já estou desgraçada mesmo, mas meu filho, com fé em Deus, vai ter o nome do pai e vai ter a chance de ter uma vida diferente da nossa, eu tenho fé em Deus". **(Diário de campo, Cidade da Praia, 2015)**.

Após o nascimento da criança, Lu seguiu insistindo no contato com o pai, primeiro sem muito sucesso, mas com o tempo, ele voltou a atender suas ligações, dizendo que sentia saudades. Da última vez que eu e ela conversamos, a moça estava cheia de esperança, pois ele havia prometido que quando retornasse a Cabo Verde, registraria a criança. Para além disso, Lu havia dado o menino como afilhado à sua patroa, uma mulher de família abastada na Cidade da Praia que, nas palavras de Lu, "com certeza vai ajudar meu filho a ter uma boa vida".

Essa cena nos aproxima da análise de Laurent quando afirma que, em um contexto de insegurança social face ao Estado e de incertezas nas relações de conjugalidade, o desejo de ter um filho pode fazer parte da busca da mulher por segurança. Em outras palavras, a criança oriunda de uma relação afetiva com laços tênues, pode ser percebida como um meio para a sobrevivência de sua mãe. Dado que a relação mãe-filho é um laço forte nessa sociedade, o processo de socialização desse filho inculcaria nele o compromisso com esse projeto: uma vez adulto, ele decepcionará

[12] Ressalto que a literatura sobre Cabo Verde carece de análises sobre as crianças pequenas, de 0 a seis anos de idade. No momento está sendo produzida uma análise etnográfica sobre a sociabilidade e a mobilidade infantil na Ilha de Santiago, por André Justino, a partir do projeto intitulado "As crianças do baobá: uma proposta etnográfica das infâncias em fluxos" (JUSTINO, 2016).

esta mãe ou, pelo contrário, assumirá sua dívida e seus deveres para com ela? Será que ele prefere uma parceira e os filhos que virão, ou cumprirá seu dever de apoiar sua mãe? (LAURENT, 2020, p. 62).

Ao trazer essas questões, não quero dar a entender que alinho com uma perspectiva que, se não matizada, pode fazer parecer que as pessoas fazem cálculos estratégicos em suas relações afetivas, seja de filiação seja de conjugalidade. A perspectiva da "mulher interesseira" expressa por Ana ("*tenho certeza que apanhou barriga* na esperança de ele *mandar buscá-la* com o bebê e sair dessa vida de miséria em que vivemos") e partilhada por muitos homens em referência ao comportamento feminino em Cabo Verde[13], não é a minha. Na verdade, essa não é a boa questão!

O que é interessante pensar, a partir da situação de Lu, é sobre a centralidade de um filho no projeto migratório e na construção de uma trajetória de vida de mobilidade. Para melhor entender esse cenário, é preciso inserir a estratégia de Lu nas dinâmicas de maternidade e de paternidade que parecem caracterizar os sentidos de filiação locais.

O universo que aqui apresento se estrutura a partir de relações familiares que prescindem da fixação em uma dada localidade (Lobo, 2014). Mulheres e crianças são os agentes que animam tais redes em um processo de retroalimentação que constrói os relacionamentos, mas também suas histórias de vida. Um constante ir e vir de alimentos, bens, informações e pessoas acaba por efetivar uma rede de solidariedade entre mulheres que tanto depende das crianças para se atualizar quanto é fundamental para fazê-las crescer em um ambiente considerado saudável e emocionalmente adequado.

É este ambiente que nos fornece a chave para a compreensão das formas como a maternidade se configura em Cabo Verde. As mulheres engravidam de seu primeiro filho, geralmente, entre os 15 e 25 anos de idade (dados do censo de 2015 fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatísticas de Cabo Verde). Nesse período, a relação afetiva com um companheiro não pressupõe a convivência do casal em uma nova unidade doméstica, ambos habitam em suas casas de origem e a mulher transita entre as duas casas, dormindo com ele, levando-lhe comida, visitando-o periodicamente (LOBO, 2011; 2013).

[13] Há alguns trabalhos interessante sobre o comportamento interesseiro das mulheres a partir do ponto de vista masculino, para os interessados indico os trabalhos de DOS ANJOS, 2005; MASSART, 2005; MARTINS E FORTES, 2011; MIRANDA, 2016.

Esta também é uma idade em que ela está economicamente ativa, tendo a função de contribuir financeiramente para as despesas da casa onde habita e, agora, para o sustento do filho. Cuidar do filho, trabalhar, realizar tarefas domésticas e manter a relação afetiva são as diferentes tarefas que compõem o dia-a-dia desta jovem, entretanto, ela não está sozinha, há uma rede de mulheres disponíveis para partilhá-las. Parentes e vizinhas acionam o campo social da ajuda para, a depender da disponibilidade de cada uma, auxiliar com a criança, complementar um almoço, circular um rumor, disponibilizar uma criança maior para auxiliar nas tarefas domésticas. Nesse sentido, a possibilidade de partilhar crianças constrói a maternidade.[14]

Nesse processo, as relações afetivas entre um homem e uma mulher acabam por se fortalecer tanto pelo nascimento de um filho quanto pela relação entre os grupos familiares que essa criança faz acontecer cotidianamente. É nisso que aposta Lu ao traçar sua estratégia face à gravidez, no fato de que o nascimento e o reconhecimento da paternidade são atos fundadores de uma relação, pois remetem ao sangue. Porém, como o dado biológico não é suficiente, se manter em contato, criar relações, construir laços é fundamental. Estamos, portanto, diante de uma via de mão dupla, pois, se o nascimento como ato fundador reafirma o significado biológico, são as relações "feitas" cotidianamente que darão o modelo para o universo de relações no processo de formação dessa criança como pessoa no mundo.

O universo relacional da criança, portanto, vai influir no processo de construção da paternidade. O papel do pai vai variar a depender do padrão de residência adotado. De forma geral, a relação entre pai e filho será mais ou menos intensa conforme os pais vivam ou não em uma mesma casa. Nos casos em que o pai vive separado fisicamente da mãe, seu papel pode se restringir a visitas periódicas aos filhos. Quanto à ajuda econômica, isso dependerá de diversos fatores e não são raros os casos em que as mães não recebem qualquer apoio financeiro do pai do filho. Entretanto, ter um filho é um valor importante para um homem e para a construção de sua masculinidade, além de que, o filho de um filho ou de um irmão, são desejados e incorporados à família paterna por meio de suas mulheres (mãe do pai, irmã do pai etc).

Retornando ao caso de Lu, vemos como sua trajetória se insere em um cenário de escassez no qual a criança cria a possibilidade de um elo. Em um contexto em que a relação entre ela e o pai da criança é marcada não só por laços frouxos, mas por uma

[14] Em outro trabalho vou além nesse argumento, ao lançar um olhar cuidadoso ao universo das avós, o que nos permite dar um passo à diante e teorizar não só a partir de categorias como partilha ou ajuda, mas sobre a própria concepção do que é ser mãe neste contexto (LOBO, 2010).

desvantagem inicial – pois ele já tem família estabelecida -, tudo isso agravado pelo fato dele ser emigrante e ter mulher e filhos, a criança oriunda dessa relação pode ser a única forma de se estabelecer um laço duradouro entre eles e, com sorte, fortalecido pela relação entre a criança e a família paterna (avó, tias e, porque não, a futura madrasta[15]). Soma-se a tudo isso o valor da mobilidade migratória, que é acionado por Lu e por sua irmã. Uma gravidez, seguida do reconhecimento da paternidade pode ser a garantia de um futuro melhor para o filho e, consequentemente para sua mãe, que pelo discurso de uma vida de sacrifício em prol da criança, estreita laços, gera cumplicidade e afeto. Não podemos nos esquecer, ainda, do apadrinhamento da criança, que foi *dada* à patroa de Lu como afilhada, mais uma janela aberta para a almejada mobilidade, física e social.

Cena 2

> Cristian tem 18 anos e desde bebe foi criado por Nina. A irmã (Selma, mãe do rapaz) estava emigrada na Itália quando o menino nasceu, mas como estava tendo dificuldade em arranjar trabalho, pois as patroas não queriam empregadas com filho pequeno, *mandou* o menino para Cabo Verde ainda com meses de vida. Então, Nina com 17 anos na época, assumiu o sobrinho antes mesmo de ter filhos. Em uma de nossas conversas, ela me conta que Cristian foi seu primeiro filho e é o seu *filho macho*! Fala dele com muito carinho: "Até hoje não dá trabalho algum, é um rapaz muito bom e me respeita *mais do que respeita à mãe*. Ela veio da Itália já tem algum tempo, desgostou da Itália. Ela diz que aquilo é muito ruim, não é vida não, que aguentava seu *sacrifício* por causa dos filhos, agora que Cristian está grande e que *mandou buscar* minha filha mais velha que está lá em Nápoles, voltou para a sua terra. Ela sempre fala que os italianos não são fáceis e que emigrar é só ilusão. Eu nunca quis emigrar, fiquei aqui porque é minha terra, é difícil viver aqui, tudo é difícil, mas elas foram e eu fiquei cuidando dos nossos pais, dos meus filhos e dos sobrinhos, quem mais ia ficar? (...) Agora, minha filha está lá, é difícil, mas tem que *buscar a vida*, pois aqui não há meios. Mas eu me pergunto se esse sacrifício de ir para a terra dos outros não é demais... minha irmã sofreu muito, ligava chorando, triste por não estar com seu filho, na sua terra... mas até que ela *teve cabeça*, construiu sua vida, sempre nos deu apoio e ajudou, agora ele já é homem e *vai para o curso*, e ela pode sentar na Boa Vista e viver sossegada. O problema são os ciúmes... ela mora na casa aqui pegado, mas ele nunca quis viver com ela, eu digo a ele que foi ela que lhe pariu, mas nem assim, ele diz que está acostumado comigo. É difícil... mas no próximo ano ele vai estudar em Portugal, e é graças ao *sacrifício* de sua mãe para dar estudo a ele, e ele sabe disso, que ela sofreu muito para a vida dele ser diferente da nossa" **(Boa Vista, Nina, 2005)**.

Como bem expresso no caso de Nina, toda a família compartilha o sonho e participa no projeto de emigrar. Quando há filhos envolvidos, uma negociação é feita para decidir quem ficará responsável pela criança. Se a avó materna está viva e é saudável, ela é a candidata natural a ficar com o neto, porém, quando esta opção não

[15] Não são raros os casos em que a mulher toma para si um filho oriundo de uma relação do marido/companheiro com outra mulher, em especial se esta criança estiver em uma situação de vulnerabilidade (veremos mais à frente o caso de Tarcísio).

é viável, a mãe deve buscar ajuda entre seus familiares ou entre os familiares do pai da criança. Como a mobilidade dos pequenos é um aspecto comum nessa sociedade, arranjar alguém que cuide do filho não constitui propriamente um problema, pelo menos inicialmente. Na cena em tela, foi Nina quem assumiu não só os cuidados com Christian, mas com os demais sobrinhos e os pais idosos, Selma seguiu para a Itália, na sequência *buscou* outra irmã e, antes de retornar, *mandou buscar* a sobrinha, filha de Nina, que seguiu para a emigração com 17 anos. Quando conversamos, o projeto familiar seguia com a estratégia de *enviar* Cristian para o curso superior em Portugal, nas palavras do rapaz, "vou para o curso e nem volto... vou me juntar à minha tia na Itália e fazer minha vida por lá".

Somando as duas cenas apresentadas até então, vemos que a migração se configura em um cenário em que os projetos migratórios se constroem em um amplo espectro de oportunidades, limitações e arranjos que envolvem redes familiares e de amizades. No caso da emigração feminina em Cabo Verde, se tal fluxo se inicia historicamente com uma oportunidade que coloca em relação a presença dos padres capuchinhos em Cabo Verde, os cenários do mercado de trabalho feminino na Europa a partir dos anos 1960 e uma perspectiva partilhada de que casa e filhos são de responsabilidade das mulheres; na Boa Vista a expectativa mais tradicional, de que "quem emigra são os homens", teve que ser rapidamente redimensionada em prol da construção de um capital migratório que beneficiaria todo o grupo. Certamente, a saída de mulheres-mães em um contexto familiar com tendência matrifocal, somada às restrições à imigração na Itália, moldam as trajetórias individuais e familiares na Boa Vista e fazem com que o caso desta ilha tenha algumas especificidades que são expressas na história de Nina e sua família, na qual *mandar buscar* os jovens é uma tática de continuidade do projeto familiar. Observa-se que na geração seguinte a primeira a emigrar foi a filha de Nina, a irmã que ficou, o que nos remete a uma lógica de organização de quem vai e quem fica que perpassa gerações (LOBO, 2014; LAURENT, 2020).

Se utilizando da possibilidade de reagrupamento familiar prevista na legislação italiana à época, a estratégia foi de buscar a moça antes de completar a maioridade. Para o caso de Cristian, o caminho escolhido foi outro, o de conseguir uma oportunidade de estudo em Portugal e, de lá, tentar a vida na Itália, com o apoio da tia que lá vive. Portanto, diferentemente de outros contextos, aqui a família não se reagrupa totalmente, visto que, como no caso de Selma (irmã de Nina), uma vez que conseguiu

buscar uma irmã e a sobrinha, retornou para Boa Vista, pois o "capital migratório" já estava assegurado e a continuidade do projeto familiar, mantida.

Sendo assim, é importante que a partida de uma mulher implique na circulação de outros. Dentre amigos e familiares que podem ser levados para a emigração, os filhos têm prioridade tanto na legislação italiana (pois podem ser chamados antes de completarem 18 anos) quanto no desejo das mães de os terem próximos a si e de dar a eles boas oportunidades na vida. Em seu trabalho com mulheres da ilha da Boa Vista que vivem em Nápoles, Bongianino (2012) nos apresenta diversos relatos de emigrantes que vivem o dilema de manter os filhos pequenos na Itália, enviá-los para Cabo Verde ou buscá-los para viver com elas. O sofrimento por causa da distância, o fato de "não poder ver o filho crescer" é vivido com intensidade por estas mulheres, que fazem os mais diversos cálculos para tomar decisões que implicam manter, levar, buscar as crianças para crescerem junto com suas mães biológicas.

Penso que este dilema só pode ser bem compreendido no contexto das dinâmicas familiares em Cabo Verde (LOBO, 2014). Porém, no presente texto, acrescento a este argumento inicial, a importância de compreender as dinâmicas de recepção de imigrantes nos países de destino, pois estas também moldam, limitam ou potencializam tais projetos. Dadas as crescentes restrições e características da legislação italiana para o reagrupamento familiar e a aquisição de nacionalidade, as possibilidades de ter a família reunida na Itália são atualmente bastante escassas, fato que pode implicar na interrupção da trajetória na emigração e um retorno para Boa Vista. Nos casos em que elas optam/conseguem ter os filhos e maridos na Itália, é certo que presença deles torna menos provisória a relação dessa mulher com o país de acolhimento e a tendência em adiar o retorno definitivo passa a ser uma realidade.

A história de Nina e sua irmã fornece ao/à leitor/a a complexidade das trajetórias familiares e individuais no processo de construção e manutenção de projetos migratórios. Para estas mulheres, emigrar enquanto parte de uma rede mais ampla implica em segurança, mas também em responsabilidades. Se estas dimensões são inerentes a todo e qualquer projeto migratório (em Cabo Verde ou alhures) no caso da emigração feminina da Ilha da Boa Vista podemos observar alguns elementos que podem contribuir ao debate.

O primeiro deles tem a ver com as configurações familiares locais. Em uma sociedade que percebe os laços de filiação entre a mãe e seus filhos como o centro das relações familiares, a saída de mulheres pressupõe uma estrutura familiar que se baseia em uma forte rede de solidariedade feminina. Portanto, é graças a essa rede, que opera

local, nacional e internacionalmente, que estas mulheres circulam e fazem circular pessoas, coisas, recursos e informações. Como expresso na cena 2, a rede feminina opera no sentido de dar o suporte necessário para que mulheres partam deixando filhos; opera também nos processos de levar e buscar os demais membros da família; ou seja, é por essa rede que, na prática cotidiana, circulam coisas e afetos e, finalmente; é esta rede que permite a elas, retornar.

Antes de seguirmos para o próximo caso, no qual completaremos esse quadro com o olhar das crianças, eu quero explorar, ainda para o caso de Nina e sua irmã, a centralidade da mobilidade de jovens e crianças para a estratégia familiar. Como o exemplo etnográfico bem demonstra, a possibilidade de poder *mandar* o bebe para Cabo Verde, aos cuidados da irmã, foi central para que Selma pudesse permanecer na Itália com trabalho. Sua capacidade de estar presente na vida do filho e da família (nas palavras de Nina, "ela teve cabeça") e de fazer circular o capital migratório ao *mandar buscar* uma das irmãs, faz de sua trajetória como migrante ser acionada pela via do sucesso. E a reprodução de tal trajetória se dá com a partida de membros da geração seguinte, quando jovens adentram na rede, sendo *mandados buscar* por meio de estratégias diversas, reagrupamento familiar ou estudo.

Como afirma Cati Coe (2012), a análise da migração conforme o gênero ajuda a gerar uma compreensão mais refinada das dinâmicas migratórias contemporâneas. Entretanto, tais análises merecem ser complexificadas por mais um marcador: a idade. Nesse sentido, as experiências de migração das crianças requerem análises semelhantes às dos migrantes masculinos e femininos. Assim como temos uma categoria de análise como gênero, também precisamos examinar a idade, porque a posição das pessoas no curso da vida afeta suas possibilidades e perspectivas dentro dos projetos migratórios individuais e familiares (COE, 2012, p. 914). É esse um dos objetivos de minhas reflexões no presente artigo: dar mais um passo no sentido de demonstrar que crianças e jovens não são bagagens (DOBSON, 2009) a serem transportadas pelos adultos, mas que suas mobilidades são centrais e ativas em estratégias de circulação, sejam estas locais, regionais ou internacionais.

Cena 3

> - Quando minha mãe foi, eu tinha 6 anos. Ela emigrou e eu fiquei aqui, minha avó é que me criou. Nos primeiros tempos eu sentia muita falta dela, eu fiquei com minhas tias e de minha avó, era ruim. Mas com o tempo eu fui acostumando, também ela me liga toda hora. Ela veio depois de dois anos que ela foi e ficou sempre vindo assim. Quem arranjou para ela ir foi uma cunhada sua, mulher de meu tio, ela ainda era menina, tinha 17 anos. Primeiro ela foi para Génova e agora está em Milão. Ela foi para Itália espiar trabalho, queria melhorar nossa vida e

> tinha eu também, ela queria me dar de tudo e aqui não podia. Minha vida melhorou depois que ela foi, ela me manda cada coisa bonita!
> - Você nunca quis ir?
> - Já, eu sempre quero ir, mas é depois que eu terminar a escola. Minha mãe fala sempre que quer *me buscar*, ela já conseguiu o papel (documentação) de uma senhora e agora está tentando os outros documentos. Ah, eu tenho vontade de sair, a única saída é sair, né? Aqui não tem nada para se fazer, não tem trabalho. Então quero sair sim, imagina, viver na Europa *basofa* (bem, bonita)!!! Quando minha mãe foi eu fiquei triste, mas depois vim entender e fui me acostumar, faz tanto tempo que ela foi... mas eu não vejo a hora de ir ter com ela, ver todas aquelas coisas bonitas, diferente daqui, que não tem nada, é só essa vida que não acontece nada! **(Conversa com Artemisa, 12 anos, Ilha da Boa Vista, 2005)**.

Trago a conversa com Artemisa para exemplificar a perspectiva de crianças e jovens que tem as mães emigradas e que ficaram nas ilhas. Trazer esse olhar ao nosso debate nos ajuda a compreender como crianças e jovens percebem seus próprios processos de socialização. Tais processos estão em um campo social migratório no qual os discursos e as práticas de mobilidade contribuem para os padrões e fluxos dos movimentos de pessoas que ficaram, incluindo o movimento das próprias crianças. A noção de "campo social migratório", que apresentei no início deste artigo, incorpora não só a mobilidade, mas a expectativa de circular no futuro, sendo esta uma possibilidade sempre à mão, graças às redes que facilitam a migração e aos discursos que a incluem em projetos de futuro.

Já explorei aqui e em outros momentos (LOBO, 2011; 2013) não só como as crianças são afetadas por tal campo social mesmo quando elas não emigram, mas como sua mobilidade vai muito além da possibilidade de migrar para outro país, em um movimento cotidiano que é fundamental para a reprodução da reciprocidade familiar. Para além disso, tal campo social adentra no processo de socialização de crianças que estão, o tempo todo, experienciando chegadas e partidas, telefonemas, envio e recepção de encomendas para e dos familiares migrantes, rumores sobre quem está lá, ou se prepara para ir, ou que retornou. O que quero dizer é que a vida cotidiana dos pequenos é permeada e se constitui por estes fluxos, como exemplifica a passagem abaixo de meu diário de campo:

> Era dia das crianças. No estúdio de fotografia improvisado na praça central da Vila de Sal-Rei, uma fila de crianças aguardava para fazer uma foto. Na maioria dos casos, elas estavam acompanhadas por mulheres de sua família (tias, irmãs, primas) e faziam fotos para enviar às suas mães, que estão na Itália. As crianças chegam com suas melhores roupinhas, todas bem penteadas e calçadas, fazem suas fotos e depois vão brincar. Aninha (7 anos) me conta, em meio a sorrisos: "Olha como estou bonita, eu vim fazer uma foto para mandar para a minha mãe lá *no estrangeiro*, ela me mandou essa saia, olha que linda! Ela vai chorar, chorar quando me ver bonita assim! Mas daqui a nada eu vou lá ficar com ela, aí ela não vai chorar mais" **(Diário de Campo, 2005).**

A conversa com Artemisa e a pequena Aninha nos revela como as crianças vivenciam o movimento migratório e expressam o desejo de emigrar. Primeiramente porque o "estrangeiro" está associado a familiares queridos, que enviam coisas bonitas. Nos dois casos aqui apresentados, é na emigração que está a possibilidade de seu juntar à mãe, figura central no processo de constituição de pessoa em Cabo Verde. Além disso, como sinaliza Artemisa, é lá que está a possibilidade de "melhoria de vida", de ter acesso a coisas bonitas, ter trabalho e sair da "vida parada" que o "estar aqui" representa.

Nesse sentido, ao projetar um futuro, crianças o fazem reproduzindo o sistema no qual estão inseridas, tendo a emigração como projeto, expectativa e desejo, parte constitutiva de seu campo de possibilidades. O que nos remete a uma das questões que me estimularam a escrever esse artigo: como é crescer em um contexto em que a mobilidade é um dado que permeia imagens de um futuro que pode ser sempre vivido em um lugar diferente, imaginado e distante. A noção de campo social migratório, que sugere espaços sociais contínuos e não desconectados, nos remete ao conceito de *habitus*[16] (BOURDIEU, 1980), entendido como padrões de pensamento e comportamento inconscientes, "tomados como garantidos" e condicionados culturalmente. Tal perspectiva nos auxilia a captar a orientação de pessoas para quem a migração entre dois ou mais lugares e a adaptação a estilos de vida diferentes naqueles lugares é um aspecto que permeia a vida cotidiana.

Como afirma Katy Gardner (2012), como isso é vivenciado e o grau em que os migrantes podem ser descritos como "cosmopolitas" em suas habilidades de lidar com distintas maneiras de estar em lugares diferentes, depende do contexto, bem como de gênero e geração. Embora a noção de *habitus* implique uma percepção compartilhada, muitas vezes a realidade é que as perspectivas transnacionais variam amplamente, tanto em diferentes pontos de um campo transnacional quanto de gênero, geração e, é claro, disposição pessoal e antecedentes. A perspectiva de uma pessoa também pode mudar ao longo de sua vida (ou, de fato, coexistir com outras perspectivas contraditórias) (GARDNER, 2012, p. 893).

Para mim, a questão central é sobre as maneiras pelas quais as crianças incorporam o *habitus* de tal forma que as permitem se deslocar entre os diferentes mundos culturais, estando aqui ou lá, seja em suas práticas ou em suas perspectivas. Louie trabalha com as noções de "práticas transnacionais" e "perspectivas

[16] Vertovec (2009, p. 66) vai utilizar a expressão "transnational fields" para dar conta dessa dimensão do *habitus*.

transnacionais" (LOUIE, 2006). As práticas se referem às ações de visita, envio e recepção de remessas, telefonemas e contatos sistemáticos e outras atividades que estabelecem (ou rompem) vínculos entre pessoas e lugares. Já as perspectivas se referem às maneiras pelas quais essas atividades e os relacionamentos e lugares em que elas formam são imaginados pela relação entre os que foram e os que ficaram (LOUIE, 2006, p. 366).

Essas "imaginações" são o que parecem permear as perspectivas de Artemisa e Aninha quando me falam sobre sua saída e o lugar para onde irão. Certamente, as imaginações moldarão a forma futura dos movimentos que elas fazem. Entretanto, não é só de imaginação que se trata, ou de uma projeção sobre um futuro sobre o qual crianças e jovens não têm gerência – sendo *mandados*, *levados* ou *buscados*. O caso de Tarcísio, a seguir, vai nos mostrar como é possível que um jovem aja no sentido de tornar seu desejo de sair um fato.

> Tarcísio tinha 14 anos e vivia com o pai, a madrasta e sua meia irmã na cidade da Praia quando o conheci. A mãe vivia em Portugal. Até os 13 anos, Tarcísio viveu com a avó materna, uma senhora idosa que vive na Ilha de Santo Antão. Ele foi enviado pela avó para viver com o pai porque a senhora "não podia mais com ele". Seu pai me relata: "uns tempos depois que a mãe saiu ele começou a ficar *voluntário* (malcriado, difícil), dar um monte de problemas, não ia mais para a escola, só andando na rua com umas maltas perigosas. A avó, você sabe, mulher grande que não tem mais idade para essas coisas, ele não ouvia mais com ela e nem com ninguém, então, ela *me mandou* ele. Aqui eu *ponho peso* (impõe rigor), mas é complicado... ele está revoltado, quer ir viver em Portugal com a mãe... é difícil". Em conversas com Tarcísio, ele me dizia que mandava mensagens todo o tempo para a mãe pedindo para ela mandar buscá-lo. O que ele me dizia é que a madrasta e o pai não gostavam dele, que era maltratado, que tudo era para a sua irmã. **(Diário de campo, Cidade da Praia, 2013)**.

No ano seguinte, quando voltei à Praia não encontrei Tarcísio, ele estava em Portugal com a mãe. Em conversa com seu pai, ele me disse, "ah, ele tanto atentou o juízo da mãe que ela não teve outro remédio, teve que mandar buscá-lo. Ela já tem um ano lá, aproveitamos de uma amiga que ia a trabalho e o levou. Agora ele está lá, *cabeça riju* (cabeça dura), dando preocupação para a mãe naquela Lisboa... eu, nada a ver, agora é problema dela".

A pequena trajetória de Tarcísio levanta questões interessantes sobre a capacidade das crianças de jogar e se posicionar estrategicamente neste campo social migratório, lançando mão de táticas que podem influenciar ou em sua saída ou no retorno forçado da mãe[17]. Tal caso reforça o argumento da literatura sobre migração

[17] São inúmeros os exemplos de mulheres que interrompem uma trajetória migratória por causa dos filhos. A adolescência é percebida como um período crítico e, a depender do comportamento dos filhos e os possíveis envolvimentos com drogas, álcool ou mesmo ações violentas para com os avós, as mães podem ser obrigadas pela família a voltar, caso não tenham condições de *mandar buscar* o jovem.

infantil, que defende a perspectiva de que as crianças não são passivas nesse processo. Assim como os adultos, elas agem de diferentes maneiras no sentido de reproduzir e participar dos projetos migratórios familiares.

SOBRE SACRIFÍCIOS, SUPERAÇÕES E ABANDONOS...

Até o momento, analisamos as três cenas apresentadas com o objetivo de trazer ao primeiro plano a centralidade das crianças nas dinâmicas migratórias familiares tanto como sujeitos que motivam as circulações dos adultos quanto como agentes de suas próprias trajetórias de mobilidade, locais ou internacionais. Como vimos nas estórias trazidas, mulheres que emigram e mulheres que ficam se entrelaçam em uma complexa rede de apoio que faz pessoas, coisas, valores e recursos circularem, reproduzindo e fazendo família em situações de distância. No centro dessa rede estão as crianças, que vem e vão e, nesse deslocar-se, movimentam atenções, cuidados e recursos.

A tríade mãe-filho-cuidadora é central para que o vínculo diádico entre mãe e filho permaneça vivo e intenso. O rompimento dos fluxos pode romper também os laços, pois é nessa quebra que reside o sentimento de abandono, e não necessariamente na situação de distância física prolongada. Portanto, a partir dos meus dados, o que posso afirmar é que, para um filho, sentir-se abandonado não está diretamente ligado à partida da mãe ou à distância em si, mas à incapacidade desta em manter os laços entre os três elementos – mãe-cuidadora-filho. O exemplo de Lena, uma jovem de 18 anos, que foi criada pela avó e pela tia, quando da migração de sua mãe para a França, nos apresenta uma das facetas dos riscos, dramas e conflitos que acompanham as mães nesse difícil equilíbrio de sair pelos filhos em um ato de superação e viver no fio da navalha, entre o sacrifício e o abandono.

A complicada relação entre Valda, Lena e os demais membros da família eclode quando Lena, ao terminar a escola secundária, consegue uma vaga para estudar no Brasil,[18] entretanto, sem bolsa de estudos. Acompanho o drama da moça que, ganha palavras na voz de sua tia, Isadora:

> Valda não teve trabalho nenhum, não limpou fralda, deixou Lena aqui doente e foi embora esquecendo que tinha filho. Agora que Lena precisa, ela não quer

[18] Nos casos etnográficos apresentados aqui, para além da mobilidade migratória de si, da mãe ou de parentes, temos o estudo como motor de trânsitos. A educação é percebida como possibilidade de mobilidade social, sendo fonte de distintos fluxos – de crianças e jovens; de suas mães emigrantes; entre as ilhas ou no sentido rural-urbano; de mulheres comerciantes que transitam entre países buscando fontes de renda que possam permitir melhores condições de estudo para os filhos. A educação dos filhos deve ser, portanto, uma prioridade. E, em um contexto de restritas possibilidades, implica deslocamento.

> ajudar". Que mãe que Valda é? E ainda abre a boca para dizer que foi ela quem criou suas filhas. Criou quem? Foi *mamã* que aguentou e aguenta até hoje filho de gente, sem nenhuma ajuda dos próprios pais. Valda foi embora para a França, ganha um monte de dinheiro e não manda nada para a filha. Nunca mandou nada para nós que criamos a filha dela. Foi-se embora e esqueceu que tinha filho. Quando vem para Cabo Verde parece uma menininha sem responsabilidade, só quer saber de festa **(Isadora, Ilha da Boa Vista, 2004)**.

Conversei diversas vezes com Lena sobre a situação e, em tom de mágoa e tristeza, ela lamenta o fato de sentir que a mãe a abandonou. Ela expressa que nunca havia sentido assim, pois apesar da mãe não a apoiar financeiramente como as mães de suas colegas, não mandar coisas da França, ela sempre deu notícias, sempre telefonava e os avós nunca deixaram faltar nada, apesar das dificuldades de sempre. Em suas palavras:

> O que me deixa muito triste é que nunca pedi nada a ela, eu sempre entendi que ela teve a chance de ir, que vivia sua vida lá, que eu sei que não é fácil também... É um sacrifício viver na terra de gente (emigração). Mas agora, quando telefonei a ela feliz para contar que consegui ir para o curso, ela me deu foi uma guerra, me perguntou quem mandou eu me inscrever e que ela não tinha como me sustentar no Brasil... aí eu vi que esse sacrifício não foi por mim... Foi por ela mesma... Me deixou para trás, vivi a vida toda assim e agora me vira as costas quando eu preciso. É triste! **(Lena).**

Devo complementar o relato informando que Lena nunca foi para o Brasil. Um ano depois, quando Valda esteve de férias em Cabo Verde, as duas tiveram inúmeros conflitos que se estenderam para acirradas brigas entre Isadora e Valda, que retomaram mágoas passadas relacionadas aos percursos migratórios das irmãs. Na perspectiva de Valda, aí residia o problema, na mágoa de Isadora por ter ficado. Valda acusa a irmã de ter manipulado sua filha contra ela, e residia aí a mágoa de Lena. Relembro o/a leitor/a do caso de Ana, Christian e Selma, apesar de aparentemente menos conflituoso, vimos na fala de Selma a tensão pelo fato do rapaz "respeitar mais a mim do que à mãe" e, quando do retorno da mãe para a ilha, o rapaz preferir continuar vivendo com a tia.

Tais casos nos permitem refletir sobre os dilemas enfrentados por essas mulheres e o receio, expresso por muitas delas, de "perder a amizade de seus filhos", perder o seu amor e não ter seu sacrifício reconhecido. Bonginanino (2012) bem relata o drama de mulheres na Itália que, além de ter que lidar com a dor das saudades, têm que gerir à distância as vidas de seus filhos[19], as preocupações da maternidade e o risco iminente de não fazerem o suficiente para que sejam reconhecidas como "boas mães".

[19] E essas mulheres têm que gerir um conjunto considerável de situações, desde as questões inerentes à dinâmicas cotidianas da vida de uma criança e um adolescente – sustento, educação, namoros, amizades, ameaças como drogas e álcool etc – até questões complexas como maus tratos por parte de quem ficou com a responsabilidade sobre a criança (são diversos os relatos nesse sentido), desvio de recursos

O filho sentir-se abandonado é um risco que assombra mães apartadas de sua prole. É um sentimento que, diferentemente da saudade, não é inerente ao espaço físico, mas está interligado à quebra (ou à percepção de quebra) do partilhar informações, fotografias, objetos, presentes, dinheiro. Conforme analiso em outro trabalho (LOBO, 2010), as trocas à longa distância são fundamentais para criar e manter um sentimento de proximidade, categoria central para esse contexto familiar. Mas há aí um outro elemento fundamental: a qualidade da relação entre mãe-filho-cuidadores.

E nesse processo, como se expressam as crianças? É Leida, quem creio melhor traduzir como tais dilemas podem ser racionalizados pelos mais jovens:

> A minha mãe, coitada, sempre estava muito frágil lá na Itália. Eu tinha sete anos quando minha mãe emigrou. E ainda tinha irmãos pequenos. Foi muito difícil porque eu estava estudando na Boa Vista e depois fui estudar no Sal, lá foi difícil porque eu não tinha família lá, fui para casa de uma senhora que minha mãe conhecia e eu passei muito mal lá... essa mulher fumava, bebia e usava todo dinheiro que minha mãe mandava para pagar suas contas no bar. Essas coisas quem defende é a mãe, né? Então eu aguentava e ficava lá, com fome, quando chovia entrava tudo lá dentro. Se eu contasse para minha mãe ia ser complicado, então, aguentei até conseguir sair de lá... mas hoje eu vejo que tudo o que passei só me fez forte, então foi bom, eu superei e hoje estou bem! **(Leida, Praia, 2015)**.

A ideia de superação é bastante explorada na literatura sobre *fostering* (HOWELL, 2009; GOODY, 1982; FONSECA 2006; BLEDSOE, 1990; LEINAWEAVER, 2008). Apesar das diferentes abordagens, tal categoria reflete práticas nas quais as crianças, por diversas razões, são criadas por adultos outros que não seus pais biológicos (de forma fixa ou temporária). Elas são, muitas vezes, tratadas como membros da família em que vivem e são aceitas como tais por outros. Em outros casos, elas são incorporadas de maneira questionável, tornando-se vítimas de maus-tratos e violência. Apesar de não ter os elementos para controlar todas essas dimensões, é à mãe que cabe a tarefa de negociar os cuidados da criança (sempre que possível em sua própria família) e, consequentemente, é nela que recai os benefícios ou o ônus de uma "boa" ou "má" escolha. E é aí que reside a importância fundamental de vigiar e cuidar para que a qualidade da relação mãe-filhos-cuidadores.

Para os meus objetivos nesse artigo, "sacrifício" e "superação" aparecem como categorias que se complementam nas trajetórias de mobilidades de mães e filhos.[20]

financeiros enviados aos filhos, não adaptação da criança e, como nos casos de Christian e Lena, um distanciamento em termos afetivos.

[20] Desenvolvi em outro momento (LOBO, 2012) que a noção de superação está implícita nos discursos que constroem as trajetórias de vida formando um par com a valorização da mobilidade. Estar em movimento

Como a saída dessas mulheres está inserida numa noção moral de "boa mãe", seus percursos são avaliados segundo tal moralidade. Sendo assim, suas mobilidades migratórias devem ser para buscar melhorar a qualidade de vida dos filhos e da família. Uma vez na emigração, suas performances devem observar não somente a reprodução econômica, mas a produção de seres humanos de qualidade – pela educação, estudo, cuidados adequados. Por fim, tais mulheres devem coroar suas trajetórias com a manutenção do capital migratório circulando na geração seguinte.

Pesa sobre essas mulheres, portanto, pelo ao menos 3 dimensões paradoxais: (1) construir qualidade familiar em um contexto de separação física; (2) Transformar ou transgredir, mas ao mesmo tempo reafirmar papéis tradicionais de gênero; (3) esforçar-se para serem avaliadas como "boas mães" quando estão separadas de seus filhos. Ela deve fazer isso zelando não só pela qualidade da relação diádica mãe-filho, mas sendo vigilante para que o terceiro elemento necessário para que a mobilidade se efetive (a cuidadora), se implique também na manutenção dos cuidados e afetos que farão dessa mulher uma "boa mãe". É na gestão de todas essas dimensões que vivem essas mulheres, com suas trajetórias podendo ser coroadas como de sacrifício ou julgadas pela via do abandono, do esquecimento ou da ingratidão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas na América Central e nas Filipinas mostraram que a migração das mulheres pode afetar seus filhos mais profundamente do que a migração dos homens, porque a mobilidade delas entraria em conflito com as noções de gênero do que é uma "boa mãe", enquanto os homens migrantes seriam mais facilmente capazes de conciliar a migração com as concepções de paternidade (HONDAGNEU-SOTELO E AVILA 1997; PARREÑAS 2005; PRIBILSKY, 2007). Creio que o caso de Cabo Verde pode complexificar essa perspectiva (que acabou se estendendo para os estudos sobre famílias transnacionais de uma forma mais geral), uma vez que as dinâmicas migratórias se inserem em um cenário mais amplo de mobilidade. Esse fato, ao meu ver, coloca em

significa oportunidade, mas também sacrifício e superação. Entender a complementaridade destas duas categorias nos permite perceber que melhorar não tem somente uma face econômica e/ou utilitária, mas tem conotações morais. Moralmente, superar-se é amplamente admirado e os relatos de dificuldades que foram superadas são constantemente acionados para falar de si (LOBO, 2012). A fórmula "o sofrimento te faz mais forte" é acionada ao resgatar uma infância marcada por trânsitos (seus e dos outros) que, muitas vezes, obrigaram aquele indivíduo a executar trabalhos domésticos pesados, não lhe possibilitaram receber carinho ou fizeram dele vítima de algum tipo de maus-tratos.

questão os supostos impactos sociais e psicológicos sobre as crianças devido às lógicas de reciprocidade e à plasticidade que caracterizam esse universo familiar.

Afirmei anteriormente que a relação entre o trânsito dos pequenos e a oportunidade de sair do país não deve ser entendida em termos de causa e efeito, o que não implica negar a relação entre ambas. Ter circulado em contextos variados amplia as redes de relações sociais, tornando o indivíduo conhecido e conhecedor de espaços sociais e pessoas que podem abrir as portas para um universo desejado: a emigração. Como busquei aqui demonstrar, a mobilidade inscrita na trajetória dessas pessoas começa muito cedo, no âmbito familiar e operando na sua própria reprodução; em poucas palavras, é um fator estruturante.

Os projetos migratórios inserem-se, portanto, em contextos de vida marcados por fluxos, associados a um momento específico dos ciclos de vidas nos quais os dilemas de partir ou ficar já foram enfrentados em diversas ocasiões. Sendo assim, o movimento migratório não inaugura uma vida que passará a ser permeada por relações em fluxos, nem instaura a noção moral de superação em face dos sacrifícios de estar em outro lugar, sentindo saudades, vivendo com outras pessoas e conhecendo diferentes estilos de vida. Ao contrário disso, a emigração insere-se num contexto marcado por trânsitos diversos que, segundo meu ponto de vista, estruturam esta sociedade.

Em um contexto em que crianças passam períodos de suas vidas em outros lugares que não suas casas de origem, crescem vendo mães, pais e outros parentes emigrarem, retornarem, enviarem coisas, recursos e visões de mundo; em um contexto em que a mobilidade não é só para sair do país, mas da vila, da ilha, da casa, claro está que a mobilidade se estende aos pequenos, os envolve, os constitui, sendo eles agentes de suas próprias trajetórias de mobilidade.

Observo que o vocabulário por meio do qual as pessoas se expressam tem muito a dizer sobre esse campo social migratório no qual estão inseridas - *enviar*, *mandar*, *mandar buscar*, *levar*, *trazer* – e constituem não só o discurso dos interlocutores aqui apresentados, mas suas vidas cotidianas, construindo seus campos de possibilidade para elaborar projetos futuros e se referir às suas trajetórias passadas. Tais trajetórias podem ser coroadas como positivas – de sacrifício – ou condenadas como de abandono. Em um equilíbrio delicado que faz parte dos códigos morais que conformam as sociabilidades locais.

A emigração de adultos e crianças deve ser percebida, portanto, em meio a um conjunto de estratégias que as famílias adotam para garantir sua reprodução e seu bem-estar presente e futuro, em meio a dilemas e possibilidades. O que cabe ainda

ressaltar é que noções universalizantes sobre infância ou sobre as experiências infantis face à mobilidade migratória podem não capturar as realidades infantis, que precisam ser analisadas situacionalmente e não à luz de um suposto modelo global.

REFERÊNCIAS

AKESSON, Lisa. **To make a life:** meanings of migration in the transnational homeland of Cape Verde**.** PhD Thesis. Department of Social Anthropology, University of Gothenburg, 2004.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large:** Cultural Dimensions of Globalization. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ASIS, Maruja Milagros B., HUANG, Shirlena and YEOH, Brenda S.A. When the light of the home is abroad: unskilled female migration and the Filipino Family, **Singapore Journal of Tropical Geography**, v. 25, n. 2, p. 198-215, jul./dez. 2004.

ASSIS, Gláucia. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional, **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 745-772, 2007.

BATALHA, Luis & CARLING, Jorgen. (orgs.). **Transnational Archipelago Perspectives on Cape Verdean Migration and Diaspora**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008.

BLEDSOE, Caroline. No success without struggle: social mobility and hardship for foster children in Sierra Leone. **Man**, v. 25, n. 1, p. 70-88, 1990.

BRAZ DIAS, Juliana. **Entre Partidas e Regressos:** tecendo relações familiares em Cabo Verde. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, 2000.

BONGIANINO, Claudia. **Malas de sonhos e saudades:** família e mobilidade entre cabo-verdianos na Itália. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique.** Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

BRYCESON Deborah & VUORELA Ulla (eds.). **The Transnational Family. New European Frontiers and Global Networks**. Oxford and New York: Berg, 2002.

CARLING, Jorgen. **Aspiration and ability in international migration. Cape Verdean Experiences of Mobility and Immobility**. Oslo: University of Oslo, 2001.

CARLING, Jorgen. Migration in the age of involuntary immobility: Theoretical reflections on the Cape Verdean experience. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 28, n. 1, p. 5-42, 2002.

CARLING, Jorgen. Children's mobility and immobility in Cape Verdean transnational families. **Paper presented at the AEGIS European Conference on African Studies**, Panel 28: Generations of Migrants in West Africa, Leiden, 2007.

CARLING, Jorgen; AKESSON, Lisa. Mobility at the Heart of a Nation: Patterns and Meanings of Cape Verdean Migration. **International Migration**, v. 47, n. 3, p. 123-155, 2009.

CARREIRA, Antonio. **Cabo Verde. Classes sociais, estrutura familiar, migrações**. Lisboa: Ed. Ulmeiro, 1977.

CARREIRA, Antonio. **Migrações nas ilhas de Cabo Verde**. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro, 1983.

CHAMBERLAIN, Mary. Rethinking Caribbean families: extending the links. **Community, Work and Family**, v. 6, n. 1, p. 63-76, 2003.

CHAMBERLAIN, Mary. **Family love in the diaspora. Migration and the anglo-caribbean experience**. New Jersey: Transaction Publishers, 2009.

CHAMBERLAIN Mary & LEYDESDORFF Selma. Transnational families: memories and narratives. **Global Networks**, v. 4, n. 3, p. 227-241, 2004.

CLIFFORD, James. **Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1997.

COE, Cati. Growing up and going abroad: How Ghanaian children imagine transnational migration. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 38, n. 6, p. 913-931, 2012.

CONTRERAS Ricardo; GRIFFITH. David, Managing migration, managing motherhood: The moral economy of gendered migration. **International Migration**, v. 50, n. 4, p. 51-66, 2012.

DE GENOVA, Nicholas. Migrant "Illegality" and Deportability in Everyday Life. **Annual Review of Anthropology**, v. 31, p. 419-447, 2002.

DEFRAYNE, Elisabeth. **Au rythme des tambor. Ethnographie des mobilités des "gens de Santo Antão" (Cap-Vert, Belgique, Luxembourg)**. Thèse présentée en vue de l'obtention du grade de Docteure en Sciences Politiques et Sociales: Anthropologie, 2016.

DOBSON, Madeleine. Unpacking children in migration research. **Children's Geographies,** v. 7, n. 3, p. 355-360, 2009.

DOS ANJOS, José Carlos. Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres. **Estudos Feministas**, v. 13, n. 1, p. 216, 163-177, 2005

DROTBOHM, Heike. Horizons of long-distance intimacies. Reciprocity, contribution and disjuncture in Cape Verde ». **History of the Family**, v. 14, p. 132-149, 2009.

DUCU, Viorela; Mihaela NEDELCU & Aron TELEGDI-CSETRI (eds.). **Childhood and Parenting in Transnational Settings**. Cham, Switzerland: Springer International Publishing, 2018.

EHRENREICH, Barbara and HOCHSCHILD, Arlie (eds.). **Global woman:** nannies, maids, and sex workers in the new economy. New York: LLC, 2002.

ÉVORA, Iolanda. De emigrantes/imigrantes a migrantes transnacionais; possibilidades e limites de uma nova categoria de análise da identidade e migração cabo-verdianas. **3º Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia – "Afinidade e Diferença"**, Lisboa, 2006.

FONSECA, Claudia. **Os Caminhos da Adoção**. São Paulo: Cortez, 2006.

GARDNER, Katy; GRILLO. Ralph. Transnational households and ritual: an overview. **Global Networks***, v.* 2, n. 3, p. 179–190, 2002.

GARDNER, Katy. Transnational Migration and the Study of Children: An Introduction. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 38, n. 6, p. 889-912, 2012.

GLICK SCHILLER, Nina. The Centrality of ethnography in the study of transnational migration: seeing the wetland instead of the swamp. In FONER, N. (Ed.). **American Arrivals**. Santa Fe, NM: School of American Research, 2003.

GLICK SCHILLER, Nina and FOURON, Georges. Terrains of Blood and Nation: Haitian Transnational Social Fields, **Ethnic and Racial Studies**, v. 22, n. 2, p. 340-366, 1999.

GOODY, Esther. **Parenthood and social reproduction:** fostering and occupational roles in West Africa*.* Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

GRASSI, Marzia e ÉVORA, Iolanda (orgs.). **Gênero e migrações Cabo-verdianas**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

HANNERZ, Ulf. The world in creolisation. **Africa***,* v. 57, n. 4, p. 546-59, 1987.

HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette & AVILA, Ernestine. I'm here but I'm there': The meanings of Latina transnational motherhood. **Gender & Society**, v. 11, p. 548-560, 1997.

HOWELL, Susan. Adoption of the unrelated child: some challenges to the anthropological study of kinship. **Annual Review of Anthropology**, v. 38, p. 149-166, 2009.

IMOROU, Abou-Bakari. Les mobilites des enfants et jeunes: analyse de quelques strategies et tactiques et implication dans la gestion de leurs trajectoires sociales. **Working Paper drafted for the workshop:** Child and Youth Migration in West Africa, Research Progress and Implications for Policy, Accra, 2009.

JUSTINO, André. **Por uma abordagem antropológica da infância e da deficiência:** duas categorias sob o olhar de um antropólogo, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, 2017.

JUSTINO, André. **As crianças do Baobá:** uma proposta etnográfica das infâncias em fluxos. Projeto de Qualificação de Doutorado, UnB. 2018.

KAPLAN, Caren. **Questions of Travel:** Postmodern discourses of displacement. Durham, NC: Duke University Press, 1996.

KNORR, Jacqueline. (ed.). **Childhood and Migration:** From Experience to Agency. Piscataway. NJ: Transactions Publishers, 2005.

LAURENT, Pierre-Joseph. Famílias sob influência de leis migratórias dos países de acolhida. Comparação das migrações cabo-verdianas nos Estados Unidos e na Itália, In: LOBO, Andréa e Juliana BRAZ DIAS (orgs.). **Mundos em Circulação:** perspectivas sobre Cabo Verde. Brasília/Praia: ABA Publicações/EDUni-CV/Letras Livres, 2016.

LAURENT, Pierre-Joseph. **Amours Pragmatiques. Familles, Migrations et sexualité au Cap-Vert aujourd'hui**. Paris : Karthal, 2018.

LAURENT, Pierre-Joseph. Le désir d'enfant et la transmission dans le projet migratoire de femmes capverdiennes. **Anthropologie et Sociétés**, v. 41, n. 2, p. 59–78, 2020.

LEINAWEAVER, Jessaca. Improving oneself. Young people getting ahead in the Peruvian Andes. **Latin American Perspectives**, v. 35, p. 60-78, 2008.

LEVITT, Peggy and GLICK SCHILLER, Nina. Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society. **International Migration Review**, v. 38, n. 3, p. 1002-39, 2004.

LOBO, Andréa. Um filho para duas mães? Notas sobre a maternidade em Cabo Verde. **Revista de Antropologia da USP**, 53 (1): 117-145, 2010.

LOBO, Andréa. Making Families: Child mobility and familiar organization in Cape Verde. **Vibrant. Virtual Brazilian Anthropology**, v. 8, n. 2, p. 197-219, 2011.

LOBO, Andréa. **Entre Fluxos**. Brasília: Editora da UnB, 2012.

LOBO, Andréa. Crianças em cena. Sobre mobilidade infantil, família e fluxos migratórios em Cabo Verde. **Revista de Ciências Sociais Unisinos***,* v. 49, n. 1, p. 64-74, 2013.

LOBO, Andréa. **Tão longe e tão perto: famílias e "movimentos" na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde**. Revised ed. E-Book. Brasília: ABA Publicações, 2014.

LOUIE, Vivian. Growing up ethnic in transnational worlds: identities among second-generation Chinese and Dominicans*,* **Identities,** v. 13, n. 3, p. 363-394, 2006.

MARTINS, Filipe & FORTES, Celeste. Para além da crise. Jovens, mulheres e relações familiares em Cabo Verde. **(Con)textos, Revista d'antropologia i investigación social**, v. 2, p. 13-29, 2011.

MASSART, Gui. Masculinités pour tous ? Genre, pouvoir et gouvernementalité au Cap-Vert. Le foyer dans la spirale de l'ouverture et du changement à Praia. **Lusotopie**, v. XII, n.1-2, p. 245-262, 2005.

MEINTEL Deirdre. Cape Verdean transnationality, old and new. **Anthropologica**, v. 44, n. 1, p. 535-554, 2002.

MILLER, Daniel & Mirca MADIANOU. **Migration and New Media:** Transnational Families and Polymedia. Routledge, 2011.

MIRANDA, Jandira. Constituição de masculinidades num contexto do pescado: Rincão, ilha de Santiago/CV. In: Carmelita SILVA et Miriam VIEIRA (orgs.). **Género e sociabilidades no interior de Santiago**. Praia: UniCV, p. 41-72, 2016.

MONTEIRO, Maria Ivone. **Família e género na perspectiva das mulheres kumbóssas: um estudo etnográfico no Concelho de Santa Catarina, Ilha de Santiago/CV**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade de Cabo Verde – UniCV, 2013.

OLWIG, Karen Fog. Narratives of the children left behind: Home and identity in globalised Caribbean families. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 25, p. 267–284, 1999.

OLWIG, Karen Fog. A wedding in the family: home making in a global kin network. **Global Networks**, v. 2, n. 3, p. 205–218, 2002.

PARREÑAS, Raquel. Mothering from a distance: emotions, gender, and inter-generational relations in Filipino transnational families. **Feminist Studies**, v. 27, n. 2, p. 361-90, 2001.

PARREÑAS, Raquel. **Children of Global Migration. Transnational families and gendered woes**. California: Standford University Press, 2005.

PRIBILSKY, Jason. **La Chulla Vida: Gender, Migration, and the Family in Andean Ecuador and New York City**. Syracuse: Syracuse University Press, 2007.

TRAJANO FILHO, Wilson. The Conservative Aspects of a Centripetal Diaspora: the case of the Cape Verdean Tabancas. **Africa**, v. 79, n. 4, p. 520-542, 2009.

TRAJANO FILHO, Wilson. Da música à crioulização: uma estória de conversão. **Anuário Antropológico**, v. II, p. 205-266, 2016.

WHITE, Allen; Caitríona NÍ LAOIRE, Naomi TYRRELL & Fina CARPENA-MÉNDEZ (orgs.). Children's Roles in Transnational Migration. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 37, n. 8, p. 1159-1170, 2011.

VASCONCELOS, João. "Manera, ess muv?": a mobilidade como valor em São Vicente de Cabo Verde, In: BRAZ DIAS, Juliana & Andréa LOBO (eds.). **África em Movimento**. Brasília: ABA Publicações, 2012.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

VERTOVEC, Steven. **Transnationalism**. London: Routledge, 2009.

WORBS, Susanne. The second generation in Germany: between school and labor market. **International Migration Review**, v. 37, n. 4, p. 1011-38, 2003.

NOTAS

Título da obra

"É UMA VIDA DE SACRIFÍCIO... FAÇO PELOS MEUS FILHOS": CRIANÇAS E TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS EM CABO VERDE
"It's a life of sacrifice... I do it for my children": children and migratory trajectories in Cape Verde

Andrea de Souza Lobo
Doutora em Antropologia
Departamento de Antropologia Social
Universidade de Brasília, Brasília, Brasil
andreaslobo@yahoo.com.br
http://orcid.org/0000-0001-7525-1953

Endereço de correspondência do principal autor
SQS 207, bloco D, apt. 401, 70.253-040, Brasília, DF, Brasil.

AGRADECIMENTOS
Agradeço aos estudantes e colegas do ECOA – Grupo de Pesquisa de Etnologia em Contextos Africanos pela leitura e valiosos comentários ao texto. Os comentários dos pareceristas foram fundamentais para a conformação final deste artigo, pelo que agradeço. Ao Laboratoire D'Anthropologie Prospective (LAAP) da Université Catholique de Louvain, minha gratidão pelo suporte logístico e pelos frutíferos diálogos que viabilizaram a escrita deste artigo.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA
Concepção e elaboração do manuscrito: A. S. Lobo
Coleta de dados: A. S. Lobo
Análise de dados: A. S. Lobo
Discussão dos resultados: não se aplica
Revisão e aprovação: A. S. Lobo

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA
Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO
Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM
Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES
Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista
Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o

devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista
Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista
Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista
Recebido em: 13-04-2020 – Aprovado em: 21-08-2020